

PLANO DE AULA

I. Identificação

Autoras do Plano de Aula: Yasmin Araújo (aluna de graduação, História/UnB) e Profa. Dra. Edlene Oliveira Silva;

Data de elaboração do plano: 2/2023;

Série/Ano: Ensino Médio;

Carga horária prevista: 2 horas/aula.

II. Tema/assunto/título da aula

Mulheres-esritoras na Idade Média: Christine de Pizan (1364-1430).

III. Objetivos

a) Geral:

Analisar representações das mulheres presentes na literatura de Christine de Pizan (1363-1430) como recurso didático para a compreensão da situação do feminino no medievo e para o ensino das relações de gênero no combate ao machismo e sexismo.

b) Específicos:

I – Conhecer informações sobre a vida e obra da autora; o espaço/tempo de produção de sua obra; o tipo de fonte e conteúdos;

II – Problematizar concepções sobre o casamento e a viuvez na Idade Média;

II – Compreender mulheres que romperam com os papéis de gênero no medievo;

III – Compreender o machismo e a misoginia presentes na literatura medieval;

IV – Discutir a pluralidade da categoria mulher;

V – Debater a associação entre mulheres e loucura;

VI – Debater a atuação e protagonismo das mulheres na Idade Média como enfrentamento do machismo e da misoginia no presente;

VII – Discutir a permanência de ideias machistas que perpassaram o medievo e estão enraizadas na sociedade atual e que constituem obstáculos na superação da desigualdade de gênero.

IV. Conteúdo

a) Aspectos da vida e obra de Christine de Pizan;

b) Casamento e viuvez no medievo;

c) Resistência feminina na Idade Média;

d) Machismo e misoginia na literatura medieval;

e) Interseccionalidade;

f) Relações entre as representações das mulheres no passado e no presente.

V. Pré-requisitos

É importante algum conhecimento de aspectos da sociedade da Baixa Idade Média, das mulheres na sociedade medieval e de discussões sobre relações de gênero.

VI. Metodologia e recursos didáticos

Aulas 01 e 02:

A aula terá início com discussões que auxiliem o/a estudante no entendimento das condições de produção do documento a ser analisado. Em primeiro lugar, a fonte deverá ser apresentada. Trata-se de um fragmento do trecho intitulado “Aqui começa o livro da Cidade das Damas, cujo primeiro capítulo narra como e com qual propósito este livro foi escrito”, de “A Cidade das Damas”, de Christine de Pizan, escrito em 1405, no qual expõe a origem da inspiração que resultou na criação da obra.

O livro é considerado a primeira obra a questionar a supremacia masculina em relação às mulheres em vários domínios sociais, como na literatura e na educação, por exemplo. A Cidade das Damas trata de uma cidade utópica proposta, construída e habitada por mulheres históricas, ficcionais e mitológicas que tiveram protagonismo na história até o período medieval (época em que Pizan escreveu o livro) como exemplos a serem seguidos conferindo-lhes um espaço diferenciado de voz e visibilidade. Desse modo, o livro permite discutir o machismo e a misoginia medieval, o papel vital das mulheres e debater as relações de gênero na Idade Média. Pizan é considerada a mais importante poetisa medieval e a primeira mulher a viver de sua arte – a escrita – no Ocidente.

Christine de Pizan viveu entre 1364 e 1430, nasceu na atual Itália, mas mudou-se para a França ainda na infância, pois seu pai serviu como astrólogo do rei Carlos VI. Casou-se cedo, com apenas 15 anos, com o secretário do rei, em 1380, mas seu esposo morreu 9 anos depois, logo após o falecimento de seu pai. Ao 25 anos, órfã e viúva, Christine se vê sozinha e responsável pelo sustento da família (sua mãe, seus dois irmãos e seus três filhos), encontrando na literatura sua primeira fonte de renda. É considerada a primeira escritora profissional do Ocidente, tendo participado do processo de confecção de seus livros, auxiliado na produção das gravuras e oferecido os escritos a nobres, visando o reconhecimento e obtenção de seu sustento.



Imagem de Pizan no ato de seu ofício de escrever.
Fonte: Collected Works (1407), BL, MS Harley 4431.

A partir desses aspectos da biografia da autora, pode-se discutir: o matrimônio como aliança política e também de garantia de certa estabilidade e segurança feminina no medievo. A viuvez como espaço de certa liberdade, já que a viúva podia escolher entre a vida religiosa, um outro casamento ou ficar sozinha, e Pizan preferiu dedicar-se à literatura, à poesia e à defesa das mulheres como objetivo de vida. Aqui, um debate importante é mostrar que, mesmo numa sociedade de opressão ao feminino e misógina como a medieval, muitas mulheres romperam com papéis socialmente esperados para elas. Pizan, por exemplo, tornou-se célebre poetisa, filósofa e escritora, ocupações consideradas masculinas, o que demonstra que as mulheres também exerceram o ofício de escritoras e pensadoras. Essa discussão serve para romper papéis de gênero que restringem as mulheres ao espaço doméstico de cuidado com o marido e filhos no passado e no presente.



Christine ofertando um dos seus livros para a Rainha Isabeau da França, esposa de Carlos VI. Fonte: Collected Works (1407), British Library, MS Harley 4431.

O trecho da fonte a ser trabalhado (Anexo D) será distribuído impresso aos alunos e alunas no início da aula e trata das reflexões de Pizan sobre o livro “As Lamentações de Mateolo”, que atribuía má reputação às mulheres, escrito por Mateolo, um clérigo conhecido por suas concepções misóginas e que foi traduzido do latim para o francês no final do século XIV. Essa tradução se espalhou pela França e Christine de Pizan reagiu à leitura de Lamentações escrevendo “A Cidade das Damas”.

Uma das primeiras questões importantes a ser discutida é que Christine, ao ler esse livro, achou-o calunioso e desagradável para com as mulheres, o que suscitou nela uma reflexão que a atordoou profundamente e pôs-se a pensar

quais as causas e motivos que levaram tantos homens, clérigos e outros, a maldizerem as mulheres e a condenarem suas condutas em palavras, tratados e escritos. Isso não é questão de um ou dois

homens, nem mesmo só deste Mateolo, a quem não situaria entre os sábios, pois seu livro não passa de gozação; pelo contrário, nenhum texto está totalmente isento disso. Filósofos, poetas e moralistas, e a lista poderia ser bem longa, todos parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício.

A partir deste ponto, pode-se debater que Pizan problematiza a volumosa quantidade de escritos produzidos ao longo do tempo que tratam da má conduta feminina e sua representação negativa na literatura da época. A mulher aparece caracterizada como “profundamente má e inclinada ao vício”, sendo que a autora não enxerga em si e em outras mulheres essas condutas depreciativas. A partir daí pode-se problematizar como o mito de Eva, vista como o arquétipo da mulher má e inclinada ao vício, ajudou a criar um imaginário negativo sobre as mulheres dentro da Cristandade. Também é importante discutir que a responsabilidade pela difusão dessa cultura misógina na literatura é explicada, por Pizan, pelo fato das obras, em quase sua totalidade, serem de autoria masculina.

Aqui também pode-se demonstrar como a presença de mulheres escritoras na Idade Média, suas vozes e suas escritas, soam como uma espécie de transgressão, aliás, de muitas transgressões que, aos poucos, e no seu conjunto, podem ser lidas à luz da construção de uma resistência que molda a tentativa de uma mudança no tratamento desigual, hierárquico e opressor pelo qual as mulheres eram submetidas e no silenciamentos que elas sofreram, e sofrem.

Também pode-se sublinhar o fato de Pizan escrever em primeira pessoa, o que retrata muito da vida das mulheres medievais, seus conhecimentos, suas capacidades, seus anseios, suas indignações, suas denúncias, seus protestos, suas transgressões e consequentemente suas necessidades, mais do que literárias, vitais.

Outra questão importante que a fonte possibilita é a discussão das diferenças sociais dentro da categoria mulheres. Pizan diz: “Com essas coisas sempre voltando insistentemente à minha mente, pus-me a refletir sobre a minha conduta, eu, que nasci mulher; pensei também em outras tantas mulheres com quem convivi, tanto as princesas e grandes damas, quanto às de média e pequena condições, que quiseram confiar-me suas opiniões secretas e íntimas.”

Ou seja, a autora apresenta um reconhecimento das diferenças de classe entre as mulheres, já que menciona às de “média e pequena condições”, o que permite romper a ideia universalista de tratar as mulheres de forma homogênea. Um conceito interessante a se discutir aqui é o de interseccionalidade, que considera como a articulação entre raça, classe, gênero etc., combinando-se de diferentes formas, gera diversas desigualdades ou vantagens. O fato de Pizan ser mulher nobre lhe confere oportunidades sociais com relação às mulheres de “média e pequenas condições”, apesar de todas sofrerem machismo.

Um outro ponto importante de discussão do texto de Pizan é quando a autora faz a seguinte ressalva: “não seria um absurdo pensar que homens tão ilustres e renomados estivessem cometendo exageros em relação a figura feminina?”

Pizan questiona a própria sanidade por denunciar o machismo dos escritores medievais. Aqui pode-se discutir a associação no medievo entre a mulher, o diabo e a loucura. Havia vários tipos de loucura associada aos demônios. Por exemplo, havia diferentes “escalas” de demônios: os de grau mais altos agiriam sobre o intelecto e forjariam situações imaginativas, como ilusões, delírios e alucinações. A loucura era concebida como um sintoma da possessão demoníaca. Importa lembrar ainda que não existiam pactos demoníacos envolvendo homens, a não ser que estes fossem seduzidos e “ingenuamente” utilizados para a obra necessária à mulher/bruxa. Assim, na Idade Média, alguns dos discursos pronunciados sobre a loucura a associava ao feminino, ao corpo, à moral e aos atos desse gênero, alvo das mais diversas restrições e perseguições. Somente a partir do século XIX e do desenvolvimento das ciências, a associação entre o demônio, a loucura e a mulher entra em declínio. No entanto, nesse mesmo período, são desenvolvidas diversas teorias de associação entre mulheres e histeria.

Ainda hoje podemos perceber uma clara associação entre as mulheres e a loucura: “louca”, “doida” “maluca” “surtada” são vocábulos comuns para se ofender e desqualificar os sentimentos e as tomadas de decisões feitas por mulheres. Existe o paralelo da loucura com o agir ou pensar de mulheres em certas situações impregnadas pelo machismo, e que acabam sendo internalizadas por elas como mostra o trecho a seguir:

Assim, continuei pensando mal das mulheres”. [...] Apenas esta razão, breve e simples, me fazia concluir que tudo isso havia de ser verdade, apesar do meu intelecto, na sua ingenuidade e ignorância, não conseguir reconhecer esses grandes defeitos em mim própria nem nas outras mulheres.

É possível inferir que Christine quase se renderia à misoginia imposta à condição feminina. Em um mundo historicamente dominado por homens, cujos discursos convergem para a desqualificação do potencial feminino, a autora da obra está problematizando de que maneira isso afeta até a produção intelectual feminina. Christine de Pizan parece defender uma possibilidade de questionamento da tal maldade feminina, já que nem ela nem suas contemporâneas apresentam esses defeitos. Aqui pode-se problematizar ainda como muitas mulheres, por serem criadas e viverem numa sociedade estruturalmente machista, acabam internalizando o machismo e reproduzindo a lógica da dominação masculina.

No final, cheguei à conclusão de que, criando a mulher, Deus tinha feito uma coisa bastante vil. Espantava-me, assim, que um artesão tão digno pudesse ter realizado uma obra tão abominável, na qual, segundo a opinião daqueles autores, reside todos os males e vícios. Completamente absorta por essas reflexões, fui inundada pelo desgosto e a consternação, desprezando-me a mim mesma e a todo o sexo feminino, como se tivéssemos sido geradas monstros pela natureza [...] Por que não me fizeste nascer homem para que minhas inclinações estivessem a teu serviço, para que em nada me enganasse, para que eu tivesse esta grande perfeição que os homens dizem ter? [...] Com essas palavras e outras mais, propaguei minhas lamentações a Deus, tristemente aflita, na

medida em que em minha loucura desesperava-me o fato de Deus ter me posto em um corpo feminino.

Neste trecho, a autora questiona a obra divina de criar um ser tão maligno e perverso que seria a mulher, e chega a desejar não ter nascido nesse corpo, tão indigno, tão corruptível. O texto parece apontar para o auto ódio (misoginia), enraizado no pensamento de homens e mulheres medievais que, na longa duração, continua presente hoje. Esse sentimento é tão forte que põe à prova a sabedoria divina em ter criado um ser tão indigno.

A partir daí o livro, que funcionaria como uma espécie de manual, passa a narrar de que modo as mulheres poderiam evitar as calúnias masculinas. É possível imaginar que a própria Christine fosse, de alguma forma, atacada por essas calúnias, o que poderia motivar também a reflexão.

A obra de Christine é muito importante para pensarmos o lugar das mulheres no período medieval, a importância de seu legado para os dias de hoje e a presença de continuidades medievais no cotidiano brasileiro. Ao retomarmos sua obra, podemos perceber de que maneiras as mulheres encontravam formas de resistência ao longo do tempo, inclusive possibilitando reescrever a condição feminina no medievo. Ao defrontar-se com a misoginia historicamente constituída, a autora suscita o pensamento em toda a construção negativa em torno da mulher, que ganha força no período medieval com a corrupção de Eva. Por isso, Christine nos convida a refletir sobre as mulheres e a importância de seu posicionamento na sociedade, buscando maneiras de combater formas de opressão impostas pelo machismo e patriarcalismo.

VII. Avaliação

Produzir um texto de até 10 linhas respondendo a seguinte questão: o machismo na literatura é uma forma de violência contra as mulheres?

VIII. Bibliografia

- PIZAN, Christine de. **A Cidade das Damas**. Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 2012.
- DAMETTO, Jarbas; SIQUEIRA, Rosimar Serena. A loucura, o demônio e a mulher: sobre a construção de discursos no mundo medieval. **Hist. R.**, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 190–203, mai./ago. 2017.
- DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Caiado. **A Cidade das Damas: a construção da memória feminino imaginário utópico de Christine de Pizan**. Tese de doutorado apresentada à UFPE. Recife, 2006. Acesso em 08/06/2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7590/1/arquivo7802_1.pdf>.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1997.
- SCHMIDT, Ana Rieger. Christine de Pizan. Enciclopédia Mulheres na Filosofia. Blogs de Ciências da Universidade Estadual de Campinas: **Mulheres na Filosofia**, V. 6 N. 3, 2020, p. 1-15. Acesso em 08/06/2023.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. Escritoras medievais: transgressões silenciadas. IN: BROCHADO, Cláudia; DEPLAGNE, Luciana Calado. (Orgs.). **Vozes de mulheres da Idade Média**. João Pessoa: Editora UFPB, 2018, p.132-153.

IX. Anexo I

1. Transcrição de trecho do primeiro capítulo do livro primeiro da “Cidade das Damas”, de Christine de Pizan, “Aqui começa o livro a Cidade das Damas cujo primeiro capítulo narra como e com qual propósito este livro foi escrito”. (PIZAN, Christine de. **A Cidade das Damas**. Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 2012, p.51-54).

[...] Na manhã seguinte, retornando como de costume ao meu gabinete, não esqueci de colocar em prática minha decisão de retornar à leitura do livro de Mateolo. Pus-me a lê-lo. Avancei um pouco a leitura. Mas, o assunto parecendo-me tão pouco agradável –, aliás, para qualquer um que não se deleita com calúnias –, e sem contribuir em nada à edificação moral nem à virtude, considerando ainda a desonestidade da linguagem e dos temas por ele tratados, folheei-o aqui, ali, li o final, e, em seguida, abandonei-o para voltar a outros estudos mais sérios e de maior utilidade. Porém, a leitura daquele livro, apesar de não ter nenhuma autoridade, suscitou em mim uma reflexão que me atordoou profundamente.

Perguntava-me quais poderiam ser as causas e motivos que levavam tantos homens, clérigos e outros, a maldizerem as mulheres e a condenarem suas condutas em palavras, tratados e escritos. Isso não é questão de um ou dois homens, nem mesmo só deste Mateolo, a quem não situaria entre os sábios, pois seu livro não passa de gozação; pelo contrário, nenhum texto está totalmente isento disso. Filósofos, poetas e moralista, e a lista poderia ser bem longa, todos parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício.

Com essas coisas sempre voltando insistentemente à minha mente, pus-me a refletir sobre a minha conduta, eu, que nasci mulher; pensei também em outras tantas mulheres com quem convivi, tanto as princesas e grandes damas, quanto às de média e pequena condições, que quiseram confiar-me suas opiniões secretas e íntimas; procurei examinar na minha alma e consciência se o testemunho reunido de tantos homens ilustres poderia ser verdadeiro. Mas, pelo meu conhecimento e experiência e por mais que examinasse profundamente a questão, não conseguia compreender, nem admitir a legitimidade de tal julgamento sobre a natureza e a conduta das mulheres.

Mesmo assim, continuei pensando mal das mulheres, dizendo-me que seria muito grave que tantos homens ilustres, tantos doutores importantes, do mais alto e profundo entendimento, com tanto esclarecimento – pois acredito que todos tenham sido assim – pudessem ter falado de maneira tão enganosa, e em tantas obras. Era quase impossível encontrar um texto moral, qualquer que fosse o autor, sem que antes de terminar a leitura não me deparasse com algum capítulo ou cláusula repreendendo as mulheres. Apenas esta razão, breve e simples, me fazia concluir que tudo isso havia de ser verdade, apesar do meu intelecto, na sua ingenuidade e ignorância, não conseguir reconhecer esses grandes defeitos em mim própria nem nas outras

mulheres.

Deste modo, eu estava me baseando mais no julgamento de outrem do que no que eu mesma acreditava e conhecia. Estava tão profunda e intensamente mergulhada naqueles sombrios pensamentos que parecia estar como alguém em estado de letargia. À mente, vinha-me um número considerável de autores, e, como uma fonte jorrando, ia reexaminando-os um a um. No final, cheguei à conclusão de que, criando a mulher, Deus tinha feito uma coisa bastante vil. Espantava-me, assim, que um artesão tão digno pudesse ter realizado uma obra tão abominável, na qual, segundo a opinião daqueles autores, reside todos os males e vícios. Completamente absorpta por essas reflexões, fui inundada pelo desgosto e a consternação, desprezando-me a mim mesma e a todo o sexo feminino, como se tivéssemos sido geradas monstros pela natureza. Lamentava-me assim:

“Ah! Deus, como isso é possível? Como acreditar, sem cair no erro, que tua infinita sabedoria e perfeita bondade tinham podido criar alguma coisa que não fosse completamente boa? Não é verdade que criaste a mulher com um deliberado propósito? E desde então, não lhe deste todas as inclinações que gostarias que ela tivesse? Pois, como seria possível teres te enganado? E, no entanto, eis tantas acusações graves, tantos decretos, julgamentos e condenações contra ela! Eu não consigo entender essa aversão. E, se é verdade, meu Deus, que tantas abominações abundam entre as mulheres, como muitos o afirmam – e, como tu mesmo dizes que o testemunho de vários garante a credibilidade, por que não deveria pensar que tudo isso seja verdade? Que pena! Meu Deus! Por que não me fizeste nascer homem para que minhas inclinações estivessem a teu serviço, para que em nada me enganasse, para que eu tivesse esta grande perfeição que os homens dizem ter? Mas, como tu não quiseste, como não estendeste tua bondade até mim, perdoe minha negligência ao te servir, Senhor Deus, e não te descontente, pois o servidor que menos recebe de seu senhor, menos é obrigado a servi-lo”. Com essas palavras e outras mais, propaguei minhas lamentações a Deus, tristemente aflita, na medida em que em minha loucura desesperava-me o fato de Deus ter me posto em um corpo feminino.